

## Uma “arqueologia do boom” na *Estante Americana*, da Guáira: romances hispano-americanos publicados por Jorge Amado e De Plácido e Silva

An “archaeology of boom” in the *Estante Americana*, from Guáira: Hispanic American novels published by Jorge Amado and De Plácido e Silva

Rodrigo Refúlia\*

**Resumo:** Este artigo lança luz sobre os canais de circulação de bens culturais abertos por Jorge Amado após sua viagem, em 1937, pelos países americanos e que se refletiram na criação, em 1940, da coleção *Estante Americana*, da Editora Guáira, de Curitiba. Os principais pontos abordados neste texto se referem às análises feitas por Amado acerca dos mercados editoriais do continente e seu papel na escolha das obras de autores hispano-americanos que seriam publicadas na coleção. Em um segundo momento, são discutidas a disseminação dos ideais pan-americanos e suas reinterpretações durante o Estado Novo. Por fim, são apresentadas as especificidades dos livros hispano-americanos publicados na coleção, o lugar ocupado por essas obras em seus países de origem e sua recepção no Brasil.

1

**Palavras-chave:** Jorge Amado, literatura hispano-americana, pan-americanismo, Editora Guáira.

**Abstract:** This article aims at shedding light on the conduits of circulation of cultural goods opened by Jorge Amado after his travel by the American countries in 1937 and which were reflected in the *Estante Americana*, an editorial collection created in 1940 by Editora Guáira, Brazilian publisher founded in 1939 with headquarters in Curitiba. The main points addressed in this article refer to the analyses made by Amado about the continent's publishing markets and the works of the Hispanic American writers published in the editorial collection. The dissemination of the Pan American ideals and their reinterpretations during the period of the Estado Novo (1937-1945) will be also discussed. Finally, the specificities of the Hispanic American books published in the editorial collection, the place occupied by these works in their countries and their reception in Brazil will be presented.

**Keywords:** Jorge Amado, Hispanic American Literature, Pan-Americanism, Editora Guáira.

Recibido: 7 agosto 2018

Aceptado: 28 octubre 2018

---

\* Brasil. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).



Quando fundamos a Editora Guáira, tínhamos sempre em mente torná-la, si possível, uma editora profundamente brasileira e sinceramente americana.

Oscar Joseph de Plácido e Silva<sup>1</sup>

Há vinte e uma maneiras de ser americano, e não uma apenas.

Cassiano Ricardo<sup>2</sup>

## Introdução

Em junho de 1974, o *Jornal do Brasil* publicou, em seu caderno *Livro*, um artigo assinado por Jorge Amado acerca do relançamento da tradução do romance venezuelano *Dona Bárbara*, de Rómulo Gallegos<sup>3</sup>. O texto fazia um balanço geral das diferenças de recepção da ficção latino-americana no mercado editorial brasileiro entre o fim dos anos trinta, época do lançamento de *Dona Bárbara* pela curitibana Editora Guáira, e setenta, momento no qual a obra de Gallegos foi tirada do fundo da gaveta pela Editora Record, do Rio de Janeiro. Amado relata as dificuldades passadas para fazer o romance de Gallegos, que tivera recepção calorosa tanto na Europa quanto no continente americano, ser publicado no Brasil:

[...] de 1938 a 1941, andei de ceca em meca empunhando os originais da tradução de *Dona Bárbara* em busca de editor brasileiro disposto a apresentar ao público nacional o grande mestre do romance venezuelano. [...] Só uma pequena editora do Paraná se interessou pelo assunto, publicou a tradução de *Dona Bárbara* e mandou traduzir alguns outros títulos por mim recomendados, tentando uma coleção – a primeira – de escritores dos países vizinhos. Quando Alfredo Machado traz novamente o grande Rómulo Gallegos às livrarias brasileiras vale a pena recordar e louvar o esforço naquele então único da Editora Guáira, dirigida pelo jurista Plácido e Silva<sup>4</sup>.

2

Se na década de quarenta as editoras brasileiras evitavam publicar os autores de língua castelhana ou francesa do continente – por “preconceito feroz, arraigado, inabalável”<sup>5</sup> –, na década de setenta o chamado boom da literatura latino-americana fez as casas editoriais buscarem atualizar seus catálogos de livros de ficção redigidos por escritores do continente, especialmente os romances. Amado critica o rótulo de “latino-americana” dado às literaturas dos países da região, tanto pela crítica literária quanto pelo mercado editorial, e complementa:

---

<sup>1</sup> Oscar Joseph de Plácido e Silva. “Prefácio”, in: Jorge Icaza, *Huasipungo*, Curitiba, Guáira, 1941, p. 9.

<sup>2</sup> Cassiano Ricardo, “O Estado-Novo e o pan-americanismo”, in: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 22/01/1942, apud Ana Luísa Beraba. *América aracnídea: teias culturais interamericanas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, p. 65.

<sup>3</sup> Rómulo Gallegos (1884-1969), escritor venezuelano. Em sua juventude, foi professor, fundou e dirigiu revistas. Durante a ditadura de Gómez, exilou-se na Espanha. Em seu regresso, foi eleito parlamentar e, em 1948, foi eleito presidente da República, sustentando uma plataforma nacionalista. Exerceu o cargo por apenas seis meses, sendo derrubado por um golpe militar. Em seus romances, Gallegos desenvolveu uma forma mais bem-acabada de literatura “criollista”, entendida como exame histórico, social e geográfico de um país. Menos escritor do que homem político, Gallegos abriu o canal do moderno romance latino-americano. Ver: César Aira, *Diccionario de autores latinoamericanos*, Buenos Aires, Emecé, 2001, p. 223-224.

<sup>4</sup> Jorge Amado, “Rómulo Gallegos, há algo de comum entre os romancistas da América?”, in: *Jornal do Brasil*, caderno *Livro: Guia quinzenal de idéias e publicações*, Rio de Janeiro, ano 3 – número 54, 15/06/1974, p. 7.

<sup>5</sup> Idem, *ibid.*, p.7.



Ora, o que é que têm de comum um romancista argentino com um romancista mexicano? Um uruguaio com um colombiano? Um cubano com um chileno? Nada, além de denominadores comuns da língua espanhola e da miséria e opressão das ditaduras que determinam temas e posições semelhantes aos nossos romancistas. No mais somos diferentes uns dos outros, graças aos céus. Temos nossas marcas nacionais que dignificam e engrandecem as obras criadas nos diversos países. O rótulo de “literatura latino-americana” é uma definição colonialista e sua aceitação pelos críticos e ensaístas dos nossos países revela os laivos de uma atitude colonial, característica do subdesenvolvimento<sup>6</sup>.

O texto de Amado mistura experiência pessoal – a viagem pelas Américas e a busca por um editor que publicasse *Dona Bárbara* – e análise da conjuntura de recepção dos escritores hispano-americanos no auge do que ficou conhecido como boom<sup>7</sup>. O objetivo deste artigo, contudo, não é analisar a relevância adquirida pela literatura hispano-americana entre as décadas de sessenta e oitenta do século passado, mas tentar achar nos escombros do boom os esforços de um certo escritor baiano e de um editor paranaense que, entre o fim dos anos trinta e início dos quarenta, elaboraram uma coleção de livros que visou apresentar ao público leitor brasileiro “as grandes conquistas do pensamento americano”<sup>8</sup>.

Este estudo, portanto, está inserido dentro do campo de pesquisa da chamada *história do livro* e abordará de maneira mais detalhada, seguindo os conceitos desenvolvidos por Robert Darnton, a circulação cultural a partir da interação entre dois intermediários da literatura<sup>9</sup>, o escritor (e tradutor) Jorge Amado e o editor (e tradutor) Oscar Joseph de Plácido e Silva, em suma, uma “arqueologia do boom”<sup>10</sup>.

### Jorge Amado em *ronda pelas Américas*

3

No início de 1937, Jorge Amado empreendeu uma grande viagem pelo continente americano. Essa viagem foi relatada numa série de artigos publicados na revista literária *Dom Casmurro*, importante periódico literário publicado no Rio de Janeiro entre o fim dos anos trinta e meados dos anos quarenta. No início dos anos dois mil, estes artigos foram estabelecidos por Raúl Antelo no livro *A ronda das Américas*, publicado pela editora da Fundação Casa de Jorge Amado<sup>11</sup>.

Jorge Amado iniciou a viagem ao deixar a pequena cidade sergipana de Estância, onde começara a escrever os primeiros capítulos de *Capitães da areia*. Cruzou o Brasil rumo ao Rio Grande do

<sup>6</sup> Idem, *ibid.*, p.7.

<sup>7</sup> Interessante notar que, entre os anos de 1960 e 1970, a busca dos editores brasileiros não se restringiu somente aos ficcionistas hispano-americanos, mas também às obras que pensavam a América Latina, seja pelo empenho dos pesquisadores, seja pela ampliação dos programas de Pós-Graduação. Ver: Gabriela Pellegrino Soares, Júlio Pimentel Pinto, “A América Latina no universo das edições brasileiras”, in: *Diálogos*, Maringá, DHI/PPH/UEM, v.8, n. 2, p. 133-151, 2004.

<sup>8</sup> De Plácido e Silva, *op. cit.*, p. 10.

<sup>9</sup> Robert Darnton, no ensaio “O que é a história dos livros?”, defende que “o historiador de hoje precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, que leve em conta os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras”. A falta de documentação em relação à Editora Guaira – devido ao incêndio que consumiu a editora em 1960 – fez com que as atividades dos profissionais não creditados no livro (impressores e expedidores, por exemplo) fossem olvidadas. Por esse motivo, a opção pelo foco na relação entre tradutor (e diretor informal da coleção) e editor. Robert Darnton, “O que é a história dos livros?”, in: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010, p. 150.

<sup>10</sup> Pego emprestado o termo empregado por Doris Sommer em sua pesquisa sobre os romances que se tornaram cânone e repositório de sentimentos nacionais na América Latina. Arqueologia, tanto no sentido empregado pela autora quanto na composição deste artigo, refere-se ao método de trabalho intensivo empregado pelos arqueólogos em determinado campo. Doris Sommer, *Ficções de Fundação: os romances nacionais da América Latina*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

<sup>11</sup> Raúl Antelo, “Textos à ronda”, in: Jorge Amado, *A ronda das Américas*, Salvador, FCJA, 2001, p. 11.



Sul, onde atravessou a fronteira com o Uruguai em direção a Montevideu. Partiu de ônibus para Colônia de Sacramento e, de lá, atravessou de barca para Buenos Aires, a “capital da América Espanhola”, como Amado a definiu<sup>12</sup>.

De carro, saiu da capital argentina rumo à cidade de Punta de Vacas, na província de Mendoza, próximo à fronteira com o Chile e, então, embarcou no Ferrocarril Transandino Los Andes-Mendoza rumo a Santiago. Após rápida estadia na capital do país, partiu para Valparaíso, onde embarcou no japonês Rakuyo Maru, e seguiu o itinerário de cidades do navio – Santo Antonio, Tocopilla, Coquimbo, La Serena e Iquique, no Chile; Callao e Chancay, no Peru; e Guayaquil e Manta, no Equador. Passou pelo México e Estados Unidos antes de retornar ao Brasil, via Cuba, América Central e Colômbia.

Durante a viagem, Jorge Amado estabeleceu conversas com escritores e intelectuais latino-americanos e tornou-se uma espécie de semeador das ideias dos intelectuais do continente entre seus pares brasileiros. Durante sua estadia no México, por exemplo, Amado enviou a Anísio Teixeira, um dos principais pensadores envolvidos no movimento de renovação do ensino público brasileiro chamado *Escola Nova*, alguns livros publicados pelo Ministério da Educação mexicano<sup>13</sup>. Em seu retorno ao Brasil, ostentou com orgulho obras de Diego Rivera<sup>14</sup>.

Com base nas informações recolhidas com *gens de lettres* e editores do continente, Amado escreveu um pequeno artigo intitulado “O problema do livro nas Américas”, parte integrante de sua *Ronda*. Dividido em quatro partes, o artigo trata do problema do livro no Brasil e nas Américas. O romancista aborda o livro no Brasil sob os prismas da falta de profissionalização do escritor no país, causado, segundo ele, pelos seguintes fatores: pequeno número de leitores; relação entre o preço do livro e a escassez de papel; falta de uma política pública que gerenciasse de maneira adequada a cobrança de impostos; relação escritor-editor; e, por fim, do problema dos livreiros. Essa análise do mercado editorial brasileiro feita por Amado serviu como ponto de partida para uma comparação com os mercados da Argentina e do Chile, os dois maiores países da América do Sul falantes da língua espanhola.

4

Os artigos de Amado fazem uma análise sincrônica dos problemas do livro no continente, ignorando, portanto, aspectos anteriores à sua passagem pelas Américas. Amado pontua que o público leitor dos livros produzidos pelas editoras argentinas e chilenas era muito maior que o das grandes editoras brasileiras, uma vez que, devido à língua espanhola, o mercado delas não estava restrito às fronteiras nacionais. Isso não afetava apenas a quantidade de livros publicados, mas a relação entre escritores e editores; estes últimos, apurou Amado, não eram “rigorosamente honestos”, pois muitas vezes escamoteavam o número de livros publicados para poderem lucrar sobre os autores. Outro ponto sobre o qual Amado se debruça é o preço dos livros, muito mais baixo nesses países do que no Brasil, por conta da inexistência do problema do valor do papel. A única vantagem do livro brasileiro em

---

<sup>12</sup> Em 1927, Guillermo de Torre publicou no nº 8 (15/04/1927) da madrilenha *La Gaceta Literaria* o manifesto “Madrid, meridiano intelectual de Hispanoamérica”. O artigo angariou um enorme número de críticas dentro do continente, ao mesmo tempo que levantou o questionamento sobre o local do meridiano intelectual da América Hispânica. Jorge Amado cortou o continente no momento no qual a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) fazia romper os laços entre Madrid e suas antigas colônias. A Guerra Civil teve repercussões na intelectualidade e no mercado editorial, como ressalta o artigo de Gabriela Pellegrino Soares, “Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México”, in: *Varia Historia*, Belo Horizonte, Departamento de História, UFMG, n. 38, julho/dezembro 2007.

<sup>13</sup> Jorge Amado, [Carta], 26 jul. 1937, Cidade do México [para] Anísio Teixeira, Caetité (BA), 1f. Disponível em FGV CPDOC, Arquivo Anísio Teixeira, classificação: AT C 1937.07.26:

<[http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT\\_Corresp&pasta=AT%20c%201937.07.26](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_Corresp&pasta=AT%20c%201937.07.26)>. Acesso em: 05 ago. 2018.

<sup>14</sup> “Com Jorge Amado em Vila Isabel”, in: *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1939.



relação aos seus vizinhos era na apresentação gráfica e, como defende Jorge Amado, “qualquer das bonitas edições brasileiras faz sucesso na vitrine de uma livraria da Argentina e Chile”<sup>15</sup>.

O texto faz um breve balanço dos mercados editoriais do Equador, Peru, Venezuela, Cuba e Colômbia, onde cita o empreendimento levado a cabo pela Biblioteca Aldeana, para, em seguida, aprofundar-se sobre o México, país no qual havia “o início de uma indústria editorial, se bem bastante precária ainda”<sup>16</sup>. Contudo, a indústria editorial mexicana levava vantagem sobre os países do cone sul na disputa pelos mercados da América Central, malgrado o preço mais alto de seus livros, em razão da proximidade. O artigo é finalizado com um pequeno aparte acerca do mercado editorial dos Estados Unidos e suas qualidades técnicas.

Em sua análise sobre a questão do livro nas Américas, Jorge Amado cita alguns dos sucessos editoriais da América Hispânica – *Huasipungo* e *En las calles*, de Jorge Icaza; *Canal zone*, de Aguilar Mayor; *Doña Barbara*, de Rómulo Gallegos; e *El indio*, de Gregorio López y Fuentes –, entretanto, o escritor não se aprofunda nem nas obras nem nas temáticas adotadas pelos intelectuais da região.

De volta ao Brasil, Amado foi preso no início de novembro de 1937 na cidade de Manaus e enviado ao Rio de Janeiro. Após intervenção de José Olympio, seu editor, acabou liberado. Pouco antes de sua soltura, Amado foi alvo de um escandaloso caso de censura: em 19 de novembro, por ordem do recém-nomeado interventor da Bahia, Antônio Fernandes Dantas, a “comissão de buscas e apreensões de livros” mandou recolher 808 exemplares do recém-lançado *Capitães da Areia*, 223 de *Mar Morto*, 89 de *Cacau*, 93 de *Suor*, 267 de *Jubiabá* e 214 de *País do Carnaval* nas livrarias Editora Baiana, Catilina e Souza<sup>17</sup>. Os livros apreendidos foram colocados em frente à Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Salvador, e incinerados em praça pública. Um dos principais alvos dos primeiros expurgos estadonovistas, Jorge Amado deixou a seção de publicidade da José Olympio em janeiro de 1938 e partiu, em junho, para um autoexílio em Estância, onde fez imprimir o opúsculo *Estrada do Mar*. É provável que *Dona Bárbara* tenha sido traduzido neste período de parcial afastamento da vida pública. Amado retornou ao Rio de Janeiro em junho de 1939. Dois meses depois, assumiu o cargo de redator-chefe da revista *Dom Casmurro*, principal plataforma para a publicação de suas impressões de viagem.

O ficcionista baiano retomou a discussão sobre a intelectualidade do continente no artigo “Um romancista sul-americano”, publicado no *Dom Casmurro* de 30 de dezembro de 1939<sup>18</sup>. No pequeno artigo, Amado anunciou que acabara de traduzir *Dona Bárbara* para a Editora Guáira e lembrou que o primeiro contato com a obra acontecera no México, quando a recebeu das mãos do poeta e ensaísta Miguel Bustos Cerecedo. Amado informou que fora convidado a sugerir títulos para uma futura coleção que seria lançada pela editora, intitulada *Estante Americana*. Dessa maneira, Amado se tornou uma espécie de diretor informal da coleção. As experiências vivenciadas durante sua ronda continental, bem como os contatos com vários intelectuais latino-americanos, fizeram com que Amado pudesse assumir a posição de *passer* da produção literária continental.

A Editora Guáira Ltda., a única que se “interessou pelo assunto”<sup>19</sup>, como escreveu Amado anos depois, era uma editora recente, fundada em fins de 1939. Seu primeiro contrato, arquivado na Junta Comercial em 9 de novembro do mesmo ano, apresenta o jurista Oscar Joseph de Plácido e Silva como sócio majoritário e Antônio Moacir Arcoverde e Rubens Amazonas Lima, genro de Plácido e

<sup>15</sup> Amado, *op. cit.*, p. 91.

<sup>16</sup> Amado, *op. cit.*, p. 93.

<sup>17</sup> Além dos livros de Amado, foram apreendidos 15 exemplares de *Doidinho*, 26 de *Pureza*, 13 de *Banguê*, 4 de *Moleque Ricardo*, 14 de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego; 23 de *Educação para Democracia*, de Anísio Teixeira; 6 de *Ídolos Tombados*, de Prado Ribeiro; 2 de *Idéias, Homens e Factos*, de Padre Senna Freitas; 25 de *Dr. Geraldo*; 4 do *Nacional Socialismo Germano* e 1 exemplar de *A visão da Miséria através da Polícia*, de Kosciuszko Leão. *O Combate*, São Luís (MA), 22 dez. 1937, p. 4.

<sup>18</sup> Este texto foi, posteriormente, reproduzido como prefácio à tradução de *Dona Bárbara*.

<sup>19</sup> Jorge Amado, “Rómulo Gallegos, há algo de comum entre os romancistas da América?”. *Op. cit.*, p. 7.



Silva, como sócios minoritários<sup>20</sup>. A editora “nasceu” com o parque gráfico da Empresa Gráfica Paranaense, igualmente controlada por De Plácido e Silva, à sua disposição. A Gráfica Paranaense era responsável pela publicação da *Gazeta do Povo* desde a fundação do jornal, em 1919, e já em meados dos anos vinte começara a publicar obras jurídicas de Plácido e Silva e autores de alcance local<sup>21</sup>. A fundação da Guáira respeitava o desejo de seu editor de criar uma editora de expressão nacional, em que pese uma anunciada renúncia aos ganhos mercantis, “satisfazendo-se, neste setor, em cobrir os necessários gastos e dar expansão a seus fundamentais intuítos”, como mais tarde ressaltou De Plácido e Silva<sup>22</sup>.

A publicação de romances hispano-americanos e estadunidenses pela Guáira não se deu no vazio, pois, de certa maneira, a editora antecipou dois projetos culturais que seriam levados a cabo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a partir de 1941 e que tinham como objetivos posicionar ideologicamente o Brasil perante seus vizinhos continentais e reescrever em tons nacionalistas a política pan-americanista adotada pelo país. Esses projetos foram o suplemento *Pensamento da América*, parte integrante do jornal *A Manhã*, e a coluna *Literatura Pan-americana*, da revista *Cultura Política*.

O *Pensamento da América*, apesar da sua importância, não foi a primeira publicação chancelada pelo governo brasileiro que visava discutir (e propagar) os ideais pan-americanos no Brasil. Patrocinada por José Maria da Silva Paranhos, o Barão de Rio Branco, e intimamente ligada ao Ministério de Relações Exteriores, a *Revista Americana* circulou em dois períodos distintos: entre outubro de 1909 e junho de 1913, quando teve suas atividades paralisadas logo após a morte de Rio Branco; e entre outubro de 1916 e outubro de 1919. Kátia Gerab Baggio defende que o objetivo explícito dos idealizadores da publicação era o “de reforçar os laços de integração entre os países do continente – e, no caso da revista, sobretudo a integração intelectual”<sup>23</sup>. Baggio pontua que a publicação funcionou como um instrumento da política americanista de Rio Branco, dando ênfase aos temas diplomáticos e históricos, “ainda que tenha trazido, ao longo dos vários anos em que circulou, artigos de temática diversificada”<sup>24</sup>.

6

Anos depois dessa primeira investida, o governo brasileiro, por meio do DIP, fundou o jornal *A Manhã* e a revista *Cultura Política*, vozes oficiais do Estado Novo, fase claramente ditatorial do governo Vargas. Nesse período, o Estado brasileiro se tornou motor de uma teia de relações culturais armadas entre o Brasil e a América Latina. Segundo Ana Luísa Beraba, os agentes que teceram essa teia fizeram parte de um grupo de intelectuais ligados, simultaneamente, ao movimento modernista e ao Itamaraty (Ministério de Relações Exteriores), e a via utilizada foi o suplemento *Pensamento da América*, publicado regularmente no jornal oficial do Estado Novo, *A Manhã*, entre agosto de 1941 e fevereiro de 1948<sup>25</sup>.

O DIP tentou integrar em seus quadros uma rede de intelectuais modernistas, especialmente os ligados ao chamado Movimento Verde-Amarelo, interpretação nacionalista do modernismo surgida a partir de grupo formado nos anos vinte por Menotti del Picchia, pintor, Plínio Salgado, escritor e líder do Integralismo, interpretação do fascismo no Brasil, além de Cândido Mota, Alfredo Élis e Cassiano

<sup>20</sup> Juril Carnasciali. *De Plácido e Silva, o iluminado*, Curitiba, Oficina de Letras, 2000, p. 117.

<sup>21</sup> Mesmo após a fundação da Editora Guáira, a Empresa Gráfica Paranaense continuou a lançar títulos, alguns, inclusive, com fortes tons políticos, como foi o caso de *7.000 ferroviários em greve*, romance escrito por Altino Borba e lançado em pleno Estado Novo, em 1941.

<sup>22</sup> De Plácido e Silva, *op. cit.*, p. 9.

<sup>23</sup> Kátia Gerab Baggio, “A *Revista Americana* (1909-1919) e as relações entre as Américas”, in: Eliana de Freitas Dutra, Jean-Yves Mollier (org.), *Política, nação e edição: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006, p. 461.

<sup>24</sup> Baggio, *op. cit.*, p. 455.

<sup>25</sup> Beraba, *op. cit.*, p. 9-10.



Ricardo, escritores. Posteriormente, Ricardo ocupou vários postos no Estado Novo, entre eles o cargo de diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) de São Paulo e, entre maio de 1941 e meados de 1945, o cargo de diretor do jornal *A Manhã*.

*Pensamento da América* fez parte da primeira “floração” do jornal. O poeta modernista e diplomata Ribeiro Couto assumiu a direção do suplemento. Este tinha como objetivo “quebrar o isolamento provocado pela geografia, pela língua ou pela herança de certas suspeições que não têm mais razão de ser”<sup>26</sup>, discurso não muito diferente do adotado no prefácio de *Huasipungo*, no qual De Plácido e Silva, editor e tradutor da obra, afirma que “pouco se conhecia entre nós da grandeza de vários nomes triunfantes em terras do Novo Mundo”<sup>27</sup>.

Em seu período de existência, o suplemento foi uma plataforma da produção literária do continente, em especial de autores hispano-americanos. Houve, na publicação, certa preferência por autores de literatura regionalista e indigenista, ao passo que modernistas e escritores pertencentes a outros movimentos literários ficaram em segundo plano<sup>28</sup>.

De Plácido e Silva certamente tinha contatos com a direção do jornal e do suplemento: o jurista paranaense visitou a redação do jornal *A Manhã* poucos dias após sua abertura, em agosto de 1941<sup>29</sup>, e chegou a traduzir para o caderno um texto de autoria do boliviano Jesus Lara, *Lirismo no altiplano quéchua*<sup>30</sup>. Não é possível precisar até que ponto *Pensamento da América* influenciou na escolha dos livros que posteriormente foram publicados na coleção da Editora Guairá, mas é interessante notar que justamente na década de quarenta houve um processo de diversificação das obras literárias dos países hispano-americanos publicadas no Brasil. O eixo Argentina-Brasil, que norteou as escolhas do mercado editorial brasileiro nos anos vinte e trinta, cedeu espaço para outras relações bilaterais, nas quais eram intercambiadas as mesmas temáticas – e muitas vezes os mesmos autores – que desfilavam no *Pensamento da América*. A tabela 1 apresenta, entre 1914 e 1938, 16 obras de literatura de autores hispano-americanos publicados no país, sendo todos eles argentinos (Hugo Wast era o autor mais traduzido para o português, com um total de oito obras inéditas e duas reimpressões). Entre 1939 e 1950, outras 20 obras de literatura hispano-americana foram publicadas em solo brasileiro, com uma impressionante diversidade de nacionalidades (autores da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador e México foram editados no país).

7

**Tabela 1 – Difusão de literatura hispano-americana em formato de livro (1901-1950)**

Autor	Título	Tradutor	Editora	Local (lugar)	ano	Páís de origem
LARRETA, ENRIQUE	<i>A glória de D. Ramiro</i>	J. M. Goulart de Andrade	Francisco Alves	Rio de Janeiro	1914	Argentina
GÁLVEZ, Manuel	<i>Mal Metaphysico</i>	n/i	Livraria Editora Braz Lauria	Rio de Janeiro	1920	Argentina

<sup>26</sup> *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17/08/1941, p. 10, apud Beraba, *op. cit.*, p.53.

<sup>27</sup> De Plácido e Silva, *op. cit.*, p. 10.

<sup>28</sup> Beraba, *op. cit.*, p. 103.

<sup>29</sup> *A Manhã*, Rio de Janeiro, 20/08/1941, p. 11.

<sup>30</sup> Beraba, *op. cit.*, p. 221.



SARMIENTO, Domingo	<i>Facundo</i>	Carlos Maul	Cia. Ed. Monteiro Lobato	São Paulo	1923	Argentina
GÁLVEZ, Manuel	<i>Nacha Regules</i>	–	Cia. Ed. Monteiro Lobato	São Paulo	1924	Argentina
WAST, Hugo	<i>A que não perdoou</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1929	Argentina
WAST, Hugo	<i>Flôr de pessegueiro</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	<i>Deserto de Pedra</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	<i>A casa dos corvos</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	<i>Fonte sellada</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1930	Argentina
WAST, Hugo	<i>Valle Negro</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	–	Argentina
GÁLVEZ, Manuel	<i>Jornadas de Agonia</i>	–	G. Loureiro	Salvador	1931	Argentina
WAST, Hugo	<i>A que não perdoou</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1932	Argentina
WAST, Hugo	<i>Dom Bosco e seu tempo</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1933	Argentina
SARMIENTO, Domingo	<i>Facundo</i>	Carlos Maul	Imprensa Nacional	Rio de Janeiro	1938	Argentina
WAST, Hugo	<i>Pessegueiros em flor</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1938	Argentina
WAST, Hugo	<i>Lucia Miranda</i>	Almachio Cirne	Globo	Porto Alegre	1938	Argentina
GALLEGOS, Rómulo	<i>Dona Bárbara</i>	Jorge Amado	Guaira	Curitiba	1940	Venezuela
ICAZA, Jorge	<i>Huasipungo</i>	De Plácido e Silva	Guaira	Curitiba	1941	Equador
ALEGRIA, Ciro	<i>Grande e estranho é o mundo</i>	–	José Olympio	Rio de Janeiro	1944	Peru
CHAVES, Maria Concepción L. de	<i>Tava'i (Vilarejo)</i>	J. Machado	Clube do Livro	São Paulo	1944	Paraguai
ISAACS, Jorge	<i>Maria</i>	Maria Eugênia de Souza Pacheco	Flama	São Paulo	1945	Colômbia
RIOSECO, Arturo Torres	<i>Poesias</i>	Vários	Globo	Porto Alegre	1945	Chile
AMORIM, Enrique	<i>O cavalo e a sombra dele</i>	Silveira Peixoto	Guaira	Curitiba	1946	Uruguai



		(revisão)				
DICKMANN, Max	<i>Esta geração perdida</i>	Clarita M. Becker; Idel Becker	Cia. Editora Nacional	São Paulo	1946	Argentina
NERUDA, Pablo	<i>20 poemas de amor e uma canção desesperada</i>	Domingos Carvalho da Silva	Martins Livreiro	São Paulo	1946	Chile
LARA, Jesús	<i>Surúmi: novela quíchua</i>	Arlindo de Salvo	Empresa Gazeta de Limeira	Limeira (SP)	1946	Bolívia
ROCUANT, Miguel Luis	<i>Jardim de Epicuro</i>	João de Souza Ferraz	Empresa Gazeta de Limeira	Limeira (SP)	1946	Chile
LANGE, Norah	<i>Cardenos de Infância</i>	Lidia Bosouchet	Instituto Progresso	São Paulo	1947	Argentina
VARGAS VILA, José Maria	<i>A semente: romance</i>	Líbero Rangel de Andrade	Prometeu	São Paulo	1947	Colômbia
ISAACS, Jorge	<i>Maria</i>	–	Clube do Livro	São Paulo	1948	Colômbia
GAMBOA, Federico	<i>Santa (o destino de uma pecadora), romance</i>	–	Vecchi	Rio de Janeiro	1948	México
SABATO, Ernesto	<i>O Túnel</i>	–	Civilização Brasileira	Rio de Janeiro	1948	Argentina
SAN MARTIN, Juan Zorilla de	<i>Tabaré</i>	Manoelito de Ornellas	Globo	Porto Alegre	1948	Uruguai
AGUILERA MALTA, Demétrio; JONES, Willis Knap	<i>Sangue azul – comédia em três atos (Teatro)</i>		União Pan Americana		1948	Equador
MALLEA, Eduardo	<i>Todo verdor perecerá</i>	José Lins do Rego e Henrique Simas	Globo	Porto Alegre	1949	Argentina
BOMBAL, Maria Luisa	<i>Entre a vida e sonho</i>	–	Pongetti	Rio de Janeiro	1949	Chile
BARRIOS, Eduardo	<i>Fidalgo e Conquistador</i>	–	Brasiliense	São Paulo	1950	Chile

Fonte: elaboração própria.

Além dos empreendimentos privados, o Ministério das Relações Exteriores, por meio de sua Divisão Cultural, lançou a “coleção brasileira de autores argentinos”. Entre 1938 e 1952, foram



publicadas dez obras de escritores do país vizinho, sendo boa parte composta por ensaios de teor político e biografias. Em contrapartida, o Ministerio de Justicia e Instrucción Pública da República Argentina publicou a *Biblioteca de autores brasileños traducidos al castellano*<sup>31</sup>. Com essas informações, é plausível inferir que o *Pensamento da América* foi um importante canal no qual se encontraram não apenas os autores do continente, mas também tradutores, críticos literários e público leitor, dando visibilidade aos escritores do continente e tornando-os interessantes para editores do período.

A escolha dos livros que seriam publicados na *Estante Americana* foi possível porque em determinado momento houve o interesse comum de dois agentes culturais do campo de produção e circulação de livros em tornar disponível aos leitores brasileiros, através do processo de tradução, obras que passaram pelo crivo do público de outros países hispano-americanos, estabelecendo, por meio da tradução, um diálogo com uma cultura alheia. Segundo Adriana Pagano, tal diálogo:

[...] reatualiza um texto oriundo de um momento histórico-cultural determinado e o insere num novo contexto, num movimento não apenas unidirecional de transplante de texto original para a cultura receptora, mas, sobretudo, bidirecional, devolvendo à cultura do texto original uma leitura renovada do mesmo. Em sua seleção de textos, a tradução, também, legitima os textos originais escolhidos, uma vez que os reafirma enquanto representativos de uma cultura com a qual se está dialogando<sup>32</sup>.

As traduções da Guáira e o processo de tradução como um todo iam além de interpretar e transcrever textos provenientes de outras línguas. O relativo pioneirismo na tradução de autores hispano-americanos foi possível porque havia condições culturais, políticas, literárias e editoriais<sup>33</sup> que tornaram viáveis as publicações de *Dona Bárbara*, *Huasipungo* e *O cavalo e a sombra dele*. O sistema literário brasileiro<sup>34</sup> do período estado-novista, moldado a partir da participação de alguns intelectuais – posteriormente realocados nos mais diversos cargos públicos, De Plácido e Silva incluído –, nutriu forte apreço pelo romance social, convencionalmente chamado de “romance de 30”. Esse romance, segundo Sergio Miceli, conciliou procedimentos romanescos de autores russos (Tolstói, Dostoiévski, Gogol) e estadunidenses (Sinclair Lewis, Theodore Dreiser, Ernest Hemingway e John dos Passos, este último autor de maior frequência na *Estante Americana*) na construção de “sagas regionais que relatavam a história do declínio material e político das oligarquias”<sup>35</sup>. Praticamente alijada do quadro de editoras capacitadas a receber os grandes autores de romances regionais, uma vez que esse espaço estava reservado às casas editoriais do eixo Rio-São Paulo, coube à Guáira se impor no mercado livreiro de maneira enviesada, publicando contos de autores nacionais, reunidos em coleção específica, e romances dos países do continente.

Os títulos traduzidos pela editora proporcionaram ao público leitor uma gama de representações da América, ao passo que legitimaram os romances acolhidos pelo Estado Novo como

<sup>31</sup> Foram publicadas *Síntese da história da civilização Argentina* (1938), de Ricardo Lavene; *De Caseros ao 11 de setembro* (1939), de Ramón Cárcano; *Orações seletas* (1940), de Bartolomé Mitre; *Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina* (1941), de Juan B. Alberdi; *Vidas argentinas* (1942), de Octavio R. Amadeo; *Seis figuras do Prata* (1946), de Juan Pablo Echagüe; *O santo da espada* (1948), de Ricardo Rojas; *Mitre – uma década de sua vida política* (1950), de Rodolfo Rivarola; *Recordações da província* (1952), de Domingo F. Sarmiento; e, por fim, o romance *Dom Segundo Sombra* (1952), de Ricardo Güiraldes. Para mais detalhes sobre essas duas coleções, ver: Adriana Silvana Pagano, “Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina”, in: Maciel, M. E. et alii. *América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999.

<sup>32</sup> Pagano, *op. cit.*, p. 17.

<sup>33</sup> Gustavo Sorá, *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003, p. 24.

<sup>34</sup> Itamar Even-Zohar, *Polysystem studies Polysystem Studies* [= Poetics Today 11:1], Durham, Duke University Press.

<sup>35</sup> Sergio Miceli, *Sombos da Periferia*, São Paulo, Todavia, 2018, p. 90-93.

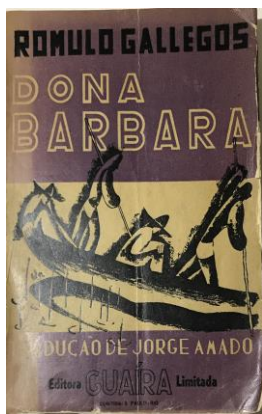


símbolos de uma nacionalidade difusa. As desventuras de personagens, como Santos Luzardo na selva amazônica, a tragédia de Andrés Chilingua nos Andes, e a luta fratricida dos irmãos Azara nos pampas uruguaios, mostraram aos escritores e leitores de língua portuguesa o estado da arte do romance social no continente, ao passo que tornaram as obras regionalistas produzidas aqui parte de um repertório internacional de produção cultural. A construção de um sistema literário baseado na canonização de romances de teor social e regionalista pode ter impedido a tradução de obras de teor “universalistas”, como os argentinos Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Borges só foi traduzido na década de setenta pela Livraria do Globo, ao passo que Bioy Casares apenas ganhou impulso no campo das traduções mais recentemente, entre os anos oitenta e dois mil.

Jorge Amado e De Plácido e Silva colocaram em circulação obras que tinham certos recortes temáticos e ideológicos, como a discussão sobre a interferência da modernidade capitalista no campo. Escritor e editor trabalharam juntos para fornecer o que havia de melhor na literatura de cunho social do continente e, dessa maneira, formar um leitor crítico aos problemas do Brasil. As especificidades das obras publicadas e seus contextos serão abordados a seguir.

\* \* \*

### *Dona Bárbara*



Escrito por Rómulo Gallegos e publicado em fevereiro de 1929 pela Editorial Araluce, de Barcelona, *Dona Bárbara* traz a história do protagonista Santos Luzardo, jovem advogado que, após se graduar em jurisprudência, na cidade de Caracas, regressa à fazenda de sua família, no interior da Venezuela. Lá, poucos e fieis peões o ajudam a tentar colocar um fim nos desmandos de Dona Bárbara, fazendeira local que conseguiu estabelecer sua fortuna ao tomar o latifúndio de Lorenzo Barquero, com quem teve uma filha rejeitada, Marisela. Em sua disputa com Luzardo, D. Bárbara conta com a ajuda da corrupta justiça local e do estadunidense Mr. Danger. Crítico ao imperialismo estadunidense e à falta de projetos que levassem à independência nacional, *Dona Bárbara* foi um grito contra as formas autoritárias de governo, como a ditadura que governava a Venezuela à época do lançamento do livro<sup>36</sup>.

Imagem 1 – Capa da edição brasileira de *Doña Barbara*. Fonte: acervo pessoal.

O romance venezuelano teve rápida acolhida entre críticos e editores: em abril de 1929, recebeu sua primeira resenha, escrita por Pedro Sotillo, e publicada nas páginas do jornal venezuelano *El Universal*. Em julho do mesmo ano, o ensaísta cubano Jorge Meñach deu o primeiro respaldo hispano-americano ao título na influente revista costarriquenha *Repertorio Americano*<sup>37</sup>, e, em setembro de

<sup>36</sup> De acordo com Sommer, o romance está assentado em um conjunto de temas abstratos e binários que acabam por dar sentido à narrativa: civilização (Santos Luzardo) *versus* barbárie (Dona Bárbara); respeito à lei em oposição ao personalismo; a educação como meio fundador da soberania democrática em contraposição à ignorância servil; e, finalmente, a modernização da industrial nacional como meio de substituição dos métodos tradicionais e a dependência da indústria estrangeira. Sommer, *op. cit.*, p. 335.

<sup>37</sup> Escreve Meñach: “*Doña Bárbara* es una magnífica novela de color americano. Envidiémosela a Venezuela, que tan vividamente retratada en ella su entraña llanera. Y alcémosla en alto, para que toda América – y toda Europa – la mire y la

1929, o romance foi agraciado em Madrid com o prêmio de melhor livro do mês, o que sem dúvida ajudou na repercussão da obra, tanto na Europa quanto nas Américas<sup>38</sup>. Em 1930, foi lançada em Barcelona uma segunda (e reformulada) edição do romance, com quarenta páginas de material novo e um vocabulário de “venezolanismos”<sup>39</sup>. Sua primeira edição na Venezuela, pela Editorial Elite, apareceu no mesmo ano. A versão definitiva da obra foi publicada somente em 1954, quando Gallegos residiu no México como exilado político<sup>40</sup>.

Durante suas viagens pelo continente americano, Jorge Amado se inteirou da recepção positiva que o livro obteve, bem como do projeto político anti-imperialista que ensejou. O romance de Gallegos não possui uma extensa fortuna crítica no Brasil. Não obstante as homenagens esporádicas nas páginas dos jornais e duas pequenas críticas publicadas na revista *Dom Casmurro*, o romance não teve o mesmo impacto aqui quando comparado a outros países do continente, em especial os de língua espanhola. Antonio Candido, em breve mas contundente crítica, relaciona *Dona Bárbara* ao paternalismo e aponta que o romance é “uma espécie de apoteose do bom patrão”<sup>41</sup>. Já Brito Broca, no artigo “Uma tragédia política nas selvas”, publicado originalmente em 30 de outubro de 1949 no jornal *A Manhã*, tenta relacionar as desventuras do escritor e político venezuelano Rufino Blanco-Fombona como governador do Território de Amazonas às aventuras de Santos Luzardo, herói do principal romance de Gallegos<sup>42</sup>.

### *Huasipungo*

*Huasipungo*, escrito por Jorge Icaza<sup>43</sup> e lançado em 1934 pela Imprensa Nacional do Equador, narra a interferência do latifundiário Dom Alfonso Pereira no universo rural indígena da região andina equatoriana. Obrigado a deixar a capital do país, Quito, em razão do acúmulo de dívidas e por causa da desonra causada pela gravidez de sua filha solteira, Dom Alfonso retorna à sua propriedade ao lado do povoado de Tomachi com o objetivo de destituir os *huasipungos*, terrenos pertencentes aos indígenas anexos às *haciendas*, e, dessa maneira, abrir caminho para a construção de uma estrada e para a instalação de uma empresa petrolífera estadunidense. É criada uma disputa pelas terras, que coloca, de um lado, grandes latifundiários, membros do Estado e representantes do clero, e, de outro, os indígenas, consubstanciados na figura de Andrés Chilingua, líder da resistência indígena durante as expulsões.

12

---

aplauda”. Jorge Meñach, *Repertorio Americano*, San José, tomo XIX, nº 4, 27/07/1929, p. 56-63. Acervo: Biblioteca Electronica Scriptorium da Universidad Nacional de Costa Rica).

<sup>38</sup> Existe uma certa dificuldade de dimensionar o papel exercido por Gallegos na literatura hispano-americana dos anos trinta. O registro de Gabriela Mistral, após ser laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, ajuda a ver o respeito que a figura de Gallegos ensejava: “Recebo-o como uma vitória americana. Há tantos que mereciam mais do que eu. É o caso, entre outros, de Rómulo Gallegos. A Venezuela ia apresentar seu nome, mas deixou de fazê-lo, a vista da minha candidatura. Este é que é o sentido dessa vitória: uma vitória da América, não minha, somente”. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 17/11/1945, p. 16.

<sup>39</sup> Dillwyn Ratcliff, “Doña Bárbara”, in: Manuel Bermúdez (org.), *Doña Bárbara antela crítica*, Caracas, Monte Avila Editores, 1991, p. 51.

<sup>40</sup> Informações relativas à obra foram retiradas da edição venezuelana de *Doña Barbara*, publicada pela Fundación Biblioteca Ayacucho (Caracas, 1985).

<sup>41</sup> Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, in: *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, Ática, 1989, p. 189.

<sup>42</sup> “Ao chegar à capital do Território, depois de uma viagem cheia de peripécias, o novo governador defronta um ambiente muito semelhante ao que envolveu Santos Luzardo, no romance de Rómulo Gallegos: ‘Dona Bárbara’. Era essa personagem simbólica que ali predominava. Nem leis, nem regulamentos, nem direitos. O pleno domínio do caciquismo. Os governadores viam-se logo absorvidos por meia dúzia de aventureiros, senhores da situação. Como agir contra eles?” Brito Broca, *Americanos*, Campinas, Unicamp, 1998, p. 61-66.

<sup>43</sup> Jorge Icaza (1906-1978), escritor equatoriano. Iniciou sua carreira literária em 1933, com o livro de contos *Barco de la Sierra*, obra que, apesar de pronunciar seu estilo, não chamou atenção. O reconhecimento veio com seu trabalho seguinte, *Huasipungo*. Nos romances que escreveu posteriormente, Icaza se manteve fiel à temática e ao tratamento de seu primeiro êxito, mas nenhum voltou a ter a mesma ressonância. Ver: Aira, *op. cit.*, p. 207.



**Imagem 2 – Capa da edição pessoal.**



**brasileira de *Huasipungo*** Fonte: acervo

*Huasipungo* faz parte de uma iniciada por Clorinda Matto de forma de discutir a situação das zonas rurais. Essas histórias profundo dos costumes desses povos suas vidas do que as narrativas de no século XIX, que representaram modelo do bom selvagem indigenista e regional de Icaza a situação dos indígenas, mas também o problema agrário e a falta de divisão justa das terras produtivas no Equador – numa situação semelhante à de vários países da América Latina, inclusive o Brasil.

tradição de narrativas indigenistas, Turner, que usa a crítica social como populações indígenas habitantes das possuíam um conhecimento mais e um foco mais compreensivo sobre conteúdo edificante e nacional escritas esses povos como símbolos do rousseauiano<sup>44</sup>. O romance retratou de maneira realista não apenas

As fortes críticas sociais não escaparam aos olhos de Jorge Amado, que recomendou a obra, e De Plácido e Silva, que editou e traduziu o romance. No prefácio à edição da Guaíra, escrito em junho de 1941, De Plácido e Silva refaz o caminho editorial do livro, do seu lançamento até a edição que prefaciou:

Seu primeiro romance foi o HUASIPUNGO, publicado em 1.<sup>a</sup> edição em 1934, em Quito. [...] Já em 1935, no Uruguai, saía a segunda edição de *Huasipungo*, e logo outra, a 3.<sup>a</sup>, na Argentina, mais a 4.<sup>a</sup> também em Buenos Aires e a quinta, novamente em Quito, Equador, depois a sexta e uma edição infantil pela Editorial Laud, em volumosa tiragem. E todas elas, em menos de cinco anos, somavam uma tiragem maravilhosa de cerca de quarenta mil exemplares<sup>45</sup>.

Com esse prefácio, o tradutor tenta mostrar a trajetória editorial do livro e a importância da obra para um público pouco acostumado às literaturas dos países hispano-americanos. A capa da edição brasileira é uma adaptação da capa da edição argentina de 1935, da buenairense Editorial Avance, o que indica a edição-fonte utilizada na tradução. O livro não teve a mesma fortuna crítica de *Dona Bárbara*, em que pese alguns elogios e breves análises de seu conteúdo<sup>46</sup>. Posteriormente, o suplemento *Pensamento da América* publicou, em forma de conto, um pequeno fragmento do romance, intitulado *A morte de Cunshi*. Pizarro Drummond foi o encarregado da tradução. Em janeiro de 1943, a revista *Vamos Ler!* republicou o conto, acompanhado de um belo desenho de J. Ribeiro. *Huasipungo*, assim como o romance de Gallegos, seria recuperado no período do boom das literaturas latino-americanas, quando foi apresentado a uma gama de novos e antigos leitores interessados na produção poética de autores do continente, em especial os hispano-americanos.

<sup>44</sup> René Pietro. “The literature of Indigenismo”, in: Roberto González Echevarría, Enrique Pupo-Walker (org.), *The Cambridge history of Latin American literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 138-48.

<sup>45</sup> De Plácido e Silva, *op. cit.*, p. 14-15.

<sup>46</sup> Anos depois, Antonio Candido analisou a obra. Segundo o crítico, o desmascaramento social da obra de Icaza faz pressentir a passagem da “consciência de país novo” à “consciência de país subdesenvolvido”. Candido ressalta em *Huasipungo* “certo emprego diminutivo das palavras, do ritmo de pranto na fala, da redução ao nível animal; tudo encarna uma espécie de diminuição do homem, sua redução às funções elementares, que se associa ao balbúcio linguístico para simbolizar a privação”. Candido, *op. cit.*, p. 159/60.

### *O cavalo e a sombra dele*

O último romance de língua espanhola da coleção estava assentado nos pampas uruguaios<sup>47</sup>. *O cavalo e a sombra dele*, escrito por Enrique Amorim<sup>48</sup> e publicado em 1941 pela Editorial Amigos del Libro de América Latina, de Buenos Aires, narra a tentativa do latifundiário Nicolás Azara em manter o velho modo de vida gaúcho ante a chegada de imigrantes expulsos da Europa, que trazem consigo elementos de uma nova sociabilidade.



Imagem 3 – Capa da edição brasileira de *El caballo y su sombra* Fonte: acervo pessoal

Três dos Azara, dona Micaela, seu filho Nicolás e a esposa deste, Adelita, vivem na estância “El Palenque”, quando chega Marcelo, outro filho de dona Micaela, vindo de Montevideú. A relação de inimizade entre Marcelo e Nicolás e deste com os imigrantes são a força motriz que faz a narrativa caminhar para seu desfecho trágico. Esse romance, assim como o restante da obra de Amorim, mostra um profundo conhecimento da vida campesina e dos hábitos rurais expressados no modo de falar e na construção dos personagens, especialmente os secundários. Apesar de possuir pequenas semelhanças com *Dona Bárbara*, *O cavalo e a sombra dele* não teve a mesma recepção que o romance de Gallegos<sup>49</sup>. O semanário *Marcha* publicou, ainda em 1941, uma resenha escrita por Enrique Mallea Abarca sobre o romance de Amorim. Segundo a resenha,

[...] en una visión actual del campo uruguayo – con sus hombres de hoy, con sus problemas de hoy – enraíza Amorim su última novela EL CABALLO Y SU SOMBRA. [...] Lo social aquí, no es, pues, lo excluyente, lo primordial. Es sólo la causa profunda que, en un momento dado, enfrenta a los seres como un grito irresistible de la tierra, de los hombres y de la época. Una de las muchas excelencias de este libro, es que su línea novelística no corra por el cauce absorbente de ese problema, y se escamotee la novela propiamente dicha, como ocurre tantas veces.<sup>50</sup>

<sup>47</sup> Boa parte das obras de Enrique Amorim e alguns textos de recepção estão disponíveis na *Biblioteca Digital de Autores Uruguayos*, no endereço <<http://www.archivodeprensa.edu.uy/template/index.html>>. A página inicial informa os autores e o objetivo do site: “El Seminario de Fundamentos Lingüísticos de la Comunicación, Facultad de Información y Comunicación, Universidad de la República se ha propuesto habilitar este Archivo de prensa. Biblioteca digital de autores uruguayos con el fin de difundir textos e imágenes, entrevistas, testimonios, ensayos periodísticos y obras literarias del pasado uruguayo que, hasta ahora, no fueron de fácil acceso ni reciben frecuente atención”. Acesso em: 08 de ago. 2017.

<sup>48</sup> Enrique Amorim (1900-1960) foi um dos mais profícuos escritores uruguaios entre as décadas de 1920 e 1960. Escreveu poemas, contos e romances, além de peças de teatro e roteiro cinematográficos. Seu livro de estreia, *Veinte años* (poemas), saiu do prelo em 1920, mas foi apenas em 1932 que iniciou sua carreira de romancista com o lançamento de *La Carreta*, considerada pela crítica sua principal obra e fruto de sucessivas traduções, reedições e comentários críticos. Eduardo Galeano, in: Alberto Oreggioni (org.), *Nuevo diccionario de literatura uruguayana*, Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2001, p. 37-38.

<sup>49</sup> Apesar do campo ser o espaço vital dos dois romances e ambos mostrarem a crise de um antigo modelo de sociedade, uma questão geracional separa as duas narrativas: como já destacado, *Dona Bárbara* representa a tentativa de expressar uma forma desejada de nação, ao passo que *O cavalo e a sombra dele* faz parte de uma tradição regionalista que, em última análise, nega os pressupostos nacionalistas e universais do tipo de narrativa escrita por Gallegos.

<sup>50</sup> Enrique Mallea Abarca, “El caballo y su sombra”, in: *Semanario Marcha*, Montevideú, n° 120, 19/12/1941, p. 19.

Apesar de ser bem recepcionado por um dos principais semanários de literatura da América do Sul, o romance parece não ter tido a mesma recepção das outras duas narrativas publicadas pela editora curitibana. Vale lembrar que, após adquirir os direitos da obra em 1943 e lançá-la no início de 1944, a Editorial Losada, de Buenos Aires, só lançou uma nova edição da obra em 1957 na coleção *Biblioteca Contemporânea*, o que indica que a obra não teve a mesma repercussão de *La Carreta*, considerada a *magnum opus* do autor. De certa maneira, *O cavalo e a sombra dele* permaneceu como um tesouro escondido da literatura uruguaia, ao qual os leitores da coleção *Estante Americana*, da Guáira, tiveram acesso.

### Outros livros publicados na coleção

Além dos romances latino-americanos, a coleção da Guáira também investiu em obras de literatura dos Estados Unidos. Dos dez livros publicados na *Estante Americana*, sete eram de autores estadunidenses: o best-seller *Paç de espírito*, escrito pelo rabino Joshua Loth Liebman e lançado no Brasil dois anos após sua publicação nos Estados Unidos; e seis romances escritos por John dos Passos. São eles: *Paralelo 42*, *1919* e *Dinheiro Graúdo*, que juntos compõem a trilogia *U.S.A.*; e *3 soldados*, *Manhattan transfer* e o sugestivo *Aventuras de um comunista* – primeiro título da trilogia *District of Columbia* e publicado nos EUA sob o título de *Adventures of a young man*. A entrada da literatura norte-americana no mercado brasileiro fez parte de um processo de substituição de importação desencadeada no período entreguerras e intensificada após o início do segundo conflito mundial, em 1939. O que antes vinha pela mala da Europa, da França em especial, começou a seguir o trajeto que ligava aos Estados Unidos. Nesse novo intercâmbio cultural, no qual a Guáira tentou se inserir, a sul-rio-grandense Livraria do Globo acabou tendo grande destaque.

15

### Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos discutir como a relação entre Jorge Amado e De Plácido e Silva, tradutor e editor, influenciou na construção da coleção *Estante Americana*, da Editora Guáira. Com isso, é possível alinhar alguns apontamentos sobre a importância que os diálogos culturais entre diferentes agentes têm para história do livro, bem como para o campo da crítica literária. Ao se observar a interação entre agentes que, muitas vezes, compartilhavam afinidades, torna-se viável examinar as estratégias utilizadas no traslado de um texto de uma cultura para outra e, em última análise, como um texto escrito em determinado campo de produção passa a dialogar com diferentes relações culturais.

Pierre Bourdieu, no artigo “As condições sociais da circulação internacional das ideias”, ressalta que “o sentido e a função no campo original são frequentemente completamente ignorados” e relembra as operações sociais envolvidas nessa transferência. Entre elas, estão:

[...] una operación de selección (¿Qué es lo que se traduce? ¿Qué es lo que se publica? ¿Quién traduce? ¿Quién publica?); una operación de mercado (de un producto previamente “*dégriffé*”) a través de la editorial, la colección, el traductor y el prologuista (quien presenta la obra apropiándose y anexándole su propia visión y –en todo caso– una problemática inscrita en el campo de recepción, y que no hace sino muy raramente el trabajo de reconstrucción del campo de origen, en primer lugar porque es mucho más difícil); una operación de lectura por último,



en la que los lectores aplican a la obra categorías de percepción y problemáticas que son el producto de un campo de producción diferente<sup>51</sup>.

Os livros hispano-americanos publicados pela Editora Guáira tinham como temática principal a questão agrária e, nos casos de *Dona Bárbara* e *Huasipungo*, a interferência capitalista com o objetivo de destruir formas de vida seculares. Eram, em suma, obras de temática social que pregavam a independência e a liberdade dos povos sul-americanos e que, à sua maneira, enriqueceram não só a bibliografia de uma editora que iniciara sua caminhada no mercado editorial brasileiro, mas também a biografia dos agentes que fizeram essas obras circularem.

### Bibliografía

- Abarca, Enrique Mallea. “El caballo y su sombra”, in: *Semanario Marcha*, Montevideu, nº 120, 19/12/1941.
- Aira, César. *Diccionario de autores latinoamericanos*, Buenos Aires, Emecé, 2001.
- Amado, Jorge. *A ronda das Américas*, Salvador, FCJA, 2001.
- Amado, Jorge. “Rómulo Gallegos, há algo de comum entre os romancistas da América?”, in: *Jornal do Brasil*, caderno *Livro: Guia quinzenal de idéias e publicações*, Rio de Janeiro, ano 3 – número 54.
- Baggio, Kátia Gerab. “A *Revista Americana* (1909-1919) e as relações entre as Américas”, in: Dutra, Eliana de Freitas; Mollier, Jean-Yves (org.), *Política, nação e edição: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006.
- Beraba, Ana Luísa. *América aracnídea: teias culturais interamericanas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.
- Bourdieu, Pierre. “Las condiciones sociales de la circulación de las ideas”, in: *Intelectuales, política y poder*, Buenos Aires, Eudeba, 1999.
- Broca, Brito. *Americanos*, Campinas, Unicamp, 1998.
- Candido, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”, in: *A educação pela noite & outros ensaios*, São Paulo, Ática, 1989.
- Carnasciali, Juril. *De Plácido e Silva, o iluminado*, Curitiba, Oficina de Letras, 2000.
- Darnton, Robert. “O que é a história dos livros?”, in: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010.
- Even-Zohar, Itamar. *Polyystem studies* [= *Poetics Today* 11:1], Durham, Duke University Press, 1990.
- Oreggioni, Alberto (org.). *Nuevo diccionario de literatura uruguaya*, Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2001.
- Icaza, Jorge. *Huasipungo*, Curitiba, Guáira, 1941.
- Meñach, Jorge. *Repertorio Americano*, San José, tomo XIX, nº 4, 27/07/1929.
- Miceli, Sergio. *Sonhos da Periferia*, São Paulo, Todavía, 2018.
- Pagano, Adriana Silvana. “Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina”, in: Maciel, M. E. et alii, *América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX*, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999.
- Pietro, René. “The literature of Indigenismo”, in: Echevarría, Roberto González; Pupo-Walker, Enrique. *The Cambridge history of Latin American literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996
- Ratcliff, Dillwyn. “Doña Bárbara”, in: Bermúdez, Manuel (org.). *Doña Bárbara ante la crítica*. Caracas, Monte Avila Editores, 1991.

<sup>51</sup> Pierre Bourdieu, “Las condiciones sociales de la circulación de las ideas”, in: *Intelectuales, política y poder*, Buenos Aires, Eudeba, 1999, p. 162.





Soares, Gabriela Pellegrino; Pinto, Júlio Pimentel. “A América Latina no universo das edições brasileiras”, in: *Diálogos*, Maringá, DHI/PPH/UEM, v.8, n. 2, p. 133-151, 2004.

Soares, Gabriela Pellegrino “Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México”, in: *Varia Historia*, Departamento de História, UFMG, n. 38, julho/dezembro 2007.

Sommer, Doris. *Ficções de Fundação: os romances nacionais da América Latina*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

Sorá, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003.

### Periódicos consultados

*Diretrizes* – Rio de Janeiro (RJ)

*A Manhã* – Rio de Janeiro (RJ)

*Jornal do Brasil* – Rio de Janeiro (RJ)

*Marcha* – Montevideu (URU)

*O Combate* – São Luís (MA)

*Repertorio Americano* – San José (CRC)

*Vamos Ler!* – Rio de Janeiro (RJ)

### Créditos das imagens

Imagem 1 – Capa da edição brasileira de *Doña Barbara*

Título do livro: *Dona Bárbara (Doña Barbara)*

Autor: Romulo Gallegos

Tradutor: Jorge Amado

*Coleção Estante Americana*, n. 1, 1940

Imagem de capa: assinatura ilegível

Dimensões do livro: 18,8 cm x 13,8 cm

Acervo pessoal

Imagem 2 – Capa da edição brasileira de *Huasipungo*

Título do livro: *Huasipungo (Huasipungo)*

Autor: Jorge Icaza

Tradutor: Oscar Joseph de Plácido e Silva

*Coleção Estante Americana*, n. 2, 1941

Capa: não creditada

Dimensões do livro: 18,8 cm x 13,6 cm

Acervo pessoal

Imagem 3 – Capa da edição brasileira de *El caballo y su sombra*

Título do livro: *O cavalo e a sombra dele (El caballo y su sombra)*

Autor: Enrique Amorim

Tradutor: não creditado; revista por Silveira Peixoto

*Coleção Estante Americana*, n. 6, 194-

Capa: Carlos Klanke

Dimensões do livro: 18,5 cm x 13,5 cm

Acervo pessoal

